

O BEATO MANUEL GONZÁLEZ E
LO QUE PUEDE UN CURA HOY
Impacto da sua Obra em Portugal

GERALDO MORUJÃO

Da grande quantidade de escritos espirituais do Bem-aventurado Manuel González García¹, elevado aos altares pelo Papa João Paulo II no dia 29 de Abril de 2001, quero destacar aquele livro que, tendo sido o primeiro que escreveu, marcou o rumo da sua espiritualidade centrada na Eucaristia e que teve mais impacto fora de Espanha: *Lo que puede un Cura hoy*. Assim, depois de um breve apontamento sobre a vida e obra do Beato González, vou tentar desvendar o segredo do êxito do dito livro e mostrar como ele chegou a Portugal e como, através dele, a sua espiritualidade se desenvolveu nos ambientes portugueses.

1. O AUTOR E A OBRA

Manuel González García nasceu na cidade de Sevilha a 25 de Fevereiro de 1877, tendo adormecido no Senhor em 4 de Janeiro de 1940². Fez o Curso do Seminário na sua diocese e também a licenciatura e o doutoramento em Teologia. Foi ordenado sacerdote a 21 de Setembro de 1901, e pouco depois veio a fazer a licenciatura em Direito Canónico.

Nos primeiros anos de sacerdócio colaborou com Cardeal Arcebispo de Sevilha, o Beato Marcelo Spínola, na fundação do diário diocesano, em que escrevia regularmente. Ao mesmo tempo, era capelão do Asilo das Irmãs Pobres e percorria a Arquidiocese em tra-

1. Manuel GONZÁLEZ, *Obras Completas*, t. I, II y III, Ed. Monte Carmelo, Burgos 1998.

2. Os dados biográficos são tirados da biografia: José Luís GUTIÉRREZ GARCÍA, *Una vida para la Eucaristía*, El Granito de Arena, Madrid 1989. Esta obra foi traduzida e editada em português na Livraria Apostolado da Imprensa, Braga 1992. Vid. tb. J. CAMPOS GILES, *El Obispo del sagrario abandonado*, El Granito de Arena, Madrid 2000, e a nossa nota biográfica: Geraldo MORUJÃO, *Beatificação de D. Manuel González, Fundador da UNER. Breve resenha da sua vida e obra*, em «Celebração Litúrgica» 4 (2000-2001) 924-929.

balhos de pregação. Uma destas saídas havia de marcar toda a sua vida. Com efeito, nos primeiros dias de Fevereiro de 1902, foi pregar a uma paróquia abandonada e sem prática religiosa, Palomares del Río, junto ao Guadalquivir. Aqui, na sua oração diante do sacrário pobre e abandonado da igreja paroquial, sonhou vir a ser pároco duma aldeia que não amasse Jesus Cristo, para O fazer amado e acompanhado no sacrário. Em 1905 é destinado a Huelva, uma cidade descristianizada e anticlerical, então pertencente à Arquidiocese de Sevilha, com cerca de vinte mil habitantes; aqui exerceu o ministério como pároco de S. Pedro e, três meses depois, também como arcipreste.

Dotado de um notável carisma catequético e eucarístico, desenvolveu uma intensa actividade de pregação em todos sectores: homilias muito cuidadas, uma esmerada catequese das crianças, e ainda a pregação de rua, conversando com todas as pessoas que encontrava no caminho. Começa por cuidar a formação dos que estavam mais perto, para poder vir a chegar aos que estavam mais longe. Dá grande importância aos Sacramentos da Eucaristia, como centro da vida cristã, e da Penitência, com horário de confissão todos os dias, logo de madrugada.

Criou uma série de escolas nos diversos bairros, que ele considerava «a obra principal para a regeneração de Huelva». A sua acção no campo social foi notável, com a atenção que prestou aos pobres e excluídos, inclusive os ciganos. Veio a ter intervenções importantes nas Semanas Sociais Espanholas. A sua actuação tornou-se conhecida em toda a Espanha, não faltando críticas e incompreensões, inclusive a contradição dos bons. No dia 4 de Março de 1910 funda a obra das «Marias do Sacrário», numa evocação das Três Marias³ que acompanharam Jesus até ao Calvário, quando todos os amigos O abandonaram. Depois congregou nesta obra eucarística também os homens, os «Discípulos de S. João», e por fim as crianças. A obra estendeu-se rapidamente por toda a Espanha e passou para muitos outros países, como uma Pia União, que veio a tomar o nome de União Eucarística Reparadora (UNER). Em poucos anos, esta obra contava com mais de 70.000 membros. O Padre Manuel, sem descurar a sua paróquia, percorreu toda a Espanha, no seu afã de «*eucaristizar*», um neologismo que inventou para designar, como dizia, «a acção de fazer enlouquecer todo um povo por amor ao Coração Eucarístico de Jesus».

Em 1915 o Padre Manuel é nomeado Bispo Auxiliar de Málaga, Administrador Apostólico em 1917 e Bispo residencial em 1919. A sua

3. Cfr. Geraldo MORUJÃO, *Marias, Las*, em «Gran Enciclopedia Rialp», Ed. Rialp, Madrid 1972, t. 15 (7ª ed. revista em 1993), pp. 130-131.

acção é notável tanto no campo da evangelização, como no da acção social. Mas a sua prioridade foram os sacerdotes, a formação sacerdotal, as vocações e o Seminário. O novo Seminário de Málaga é uma das suas grandes obras, quer a sua construção material, quer sobretudo o nível e qualidade de formação ali promovida, tanto espiritual, como doutrinal e apostólica; queria que ali se formassem *sacerdotes-hóstias*⁴, para servirem a Igreja desinteressadamente, num sacerdócio que fosse «não ganha-pão, mas ganha almas». Em pouco tempo teve a alegria de ver quintuplicar o número dos seus seminaristas⁵. Para consolidar a Obra, que já se estendia por toda a parte, em 1921 criou, com a ajuda da sua irmã Maria Antónia, uma congregação religiosa que veio a tomar o nome Missionárias Eucarísticas de Nazaré.

A proclamação da 2ª República, em 1931, com o horrendo cortejo de incêndios de igrejas, conventos e colégios católicos (só em Málaga foram queimadas 40 igrejas!), deu aso a que o santo Bispo fosse perseguido. Viu o seu paço episcopal assaltado e incendiado e teve de procurar refúgio fora da Diocese, continuando a governá-la desde Gibraltar e Madrid. Durante o seu exílio em Madrid, o jovem sacerdote, Fundador do Opus Dei, São Josemaría Escrivá, lidou com ele, a quem considerava um santo⁶. O ponto nº 531 de «Caminho» —«*¡Tratádmelo bien, tratádmelo bien!*», decía, entre lágrimas, un anciano Prelado a los nuevos sacerdotes que acababa de ordenar...»— refere-se a quando D. Manuel, cedendo às instâncias de D. Leopoldo Eijo y Garay, ordenou 14 sacerdotes da diocese madrilenha, a 15 de Junho de 1935; no fim, já na sacristia, com estes dispostos em duas filas, pôs-se de joelhos e beijou as mãos recém consagradas de cada presbítero, enquanto lhes dizia, banhado em lágrimas: «tratai-mo bem, tratai-mo bem!»⁷.

4. Cfr. Francisco PARRILLA GÓMEZ, *Evangelios vivos con pies de Cura. D. Manuel González García, pensamiento y realizaciones*, Seminario Diocesano, Málaga 2001, pp. 60-65. Este autor documenta o significado desta expressão inovadora, que veio a ser adoptada pelo Papa João Paulo II, na Carta aos Sacerdotes para a Quinta-feira Santa de 2000.

5. Cfr. *ibid.*, p. 76.

6. Cfr. J.M. CEJAS, *Amigos del Fundador del Opus Dei*, Ed. Palabra, Madrid 1992, pp. 22-24; 28 y 40; J. ESCRIVÁ, *Camino. Edición crítico-histórica preparada por Pedro Rodríguez Rialp*, Madrid 2002, pp. 660-661: «El Beato Josemaría lo trataba con la actitud filial que siempre tenía ante los Obispos, pero además lo veneraba por su vida santa y muy especialmente por su intensa devoción a la Sagrada Eucaristía. De él y de sus escritos utilizaba en su predicación anécdotas y expresiones. El Beato Josemaría visitó frecuentemente a D. Manuel en Madrid, a partir de 1931».

7. J.L. GUTIÉRREZ GARCÍA, *Una vida para la Eucaristía*, cit. pp. 320-321; cfr. tradução portuguesa, *Uma vida para a Eucaristía*, Livraria A.I., Braga 1989, pp. 289-290. Este biógrafo conta apenas o beijar das mãos, mas tudo leva a crer que então disse estas palavras, que aliás costumava dizer noutras ocasiões; cfr. *Camino. Edición crítico-histórica preparada por P. Rodríguez*, cit., *ibid.* Sete destes 14 sacerdotes haviam de receber a coroa do martírio logo no ano seguinte.

Impossibilitado de regressar à sua Málaga querida, aceitou por obediência ser nomeado Bispo de Palência. Embora debilitado, aqui continuou a sua missão, até que, minado por tantos sofrimentos e pela doença, adormeceu santamente no Senhor em Madrid, no dia 4 de Janeiro de 1940, na Clínica de Nossa Senhora do Rosário. Foi trasladado para a catedral de Palência, onde o seu corpo foi recebido por multidões de fiéis, com a veneração que se presta aos Santos. Actualmente repousa num túmulo de pedra construído debaixo do sacrário da catedral palentina, para assim, segundo o seu desejo, continuar repetindo a todos: «Jesus está aqui! Está aqui! Não O deixeis abandonado»⁸.

2. O LIVRO «LO QUE PUEDE UN CURA HOY»

O arcepreste de Huelva tinha diante de si uma tarefa ingente e as dificuldades eram de toda a ordem, num ambiente de indiferença religiosa generalizada e de propaganda anti-católica. A tentação do desânimo foi grande, mas ele foi capaz de enfrentar e superar as dificuldades. Ao fim de cinco anos, a sua paróquia estava outra. Como tinha sido possível transformar uma paróquia indiferente e hostil numa paróquia de intensa vida cristã? Não quis guardar o segredo só para si e pensou em tantos outros párocos, que se enfrentam com situações semelhantes, em perigo de se deixarem vencer pelo desânimo. A sua experiência pastoral, já famosa em toda a Espanha⁹, rica em criatividade e variadas iniciativas, cheia de frutos patentes, bem podia ser partilhada com os colegas. Foi assim que, em 1910, apenas com 33 anos de idade e cinco de pároco, se lançou a escrever o seu primeiro livro, *Lo que puede un Cura hoy*, num estilo ágil e cheio de graça andaluza.

E começa assim: «Venho destruir pessimismos que de nada servem, e para tudo servem de estorvo; venho dizer a meus irmãos, os párocos, o que eu digo a mim mesmo nos momentos de desalento e de tédio, para não cair no descontentamento e no pessimismo habitual; venho recordar coisas que, dadas por sabidas, talvez se tenham esquecido, e, porque se esqueceram, daí surgem momentos muito maus»¹⁰.

8. J.L. GUTIÉRREZ GARCÍA, *Uma vida para a Eucaristia*, cit. (ed. portuguesa), p. 348: «Peço para ser enterrado junto de um Sacrário, para que os meus ossos, depois da morte, tal como a minha voz e os meus escritos durante a vida, digam continuamente aos que passarem: "Jesus está aqui! Está aqui! Não O deixeis abandonado"...» (IDEM, ed. espanhola, cit., p. 389).

9. A sua acção pastoral veio a tornar-se conhecida em toda a Espanha, sobretudo a partir da sua célebre conferência na III Semana Social dos católicos espanhóis em Sevilha, a pedido do seu Cardeal Arcebispo, no dia 16 de Novembro de 1908. Esta conferência foi logo publicada e em 1911 já ia na 8ª edição. Passou também a constar do final do seu livro *Lo que puede un Cura hoy*.

10. Manuel GONZÁLEZ, *Obras Completas*, t. II, cit., p. 5, nº 1610.

Para desfazer utopias enganosas, tem o cuidado de começar por dizer «*lo que no puede el Cura*», numa «ladainha de impossibilidades»¹¹ e chamando a atenção para um paradoxo curioso: os inimigos da Igreja cheios de medo do poder do sacerdote e este, esquecido de que não está só, a tremer perante uns inimigos medrosos¹².

No capítulo IV, detém-se a explicar «o que em geral pode um pároco», com a sua presença, com a sua palavra, com a sua oração, com o seu trabalho, com a sua mortificação¹³.

No capítulo seguinte, o V, passa a concretizar «o que um pároco pode em particular», expondo, detalhada e demoradamente, «o que pode o pároco dentro da sua igreja»¹⁴. Aqui dá uma importância singular ao ensino do catecismo. Mas o seu segredo para a acção apostólica é a arte de «*chiflarse por el Amo*»¹⁵. Esta proposta deve ser considerada o cerne de toda a obra, e nela faz finca-pé, de modo insistente¹⁶.

O capítulo VI é dedicado a «o que pode o pároco fora da sua igreja»¹⁷, com particular acento na acção sócio-caritativa, dando a conhecer em pormenor as suas próprias iniciativas e as que lhe chegaram por cartas de outros párocos. No último capítulo apela para a certeza do fruto, embora este muitas vezes não se chegue a ver¹⁸.

O acolhimento que esta obra teve foi enorme. Don Andrés Manjón comentava profeticamente: «*El libro de este cura será la cura de*

11. *Ibid.*, pp. 14-21.

12. *Ibid.*, pp. 22-27.

13. *Ibid.*, pp. 28-49.

14. *Ibid.*, pp. 50-109.

15. *Ibid.*, pp. 89-90: «...Aquí teníamos necesidad imperiosa de *chiflados* por Cristo, por su religión bendita, por la educación católica de los chicos y de los grandes, por la prensa buena, por obras de Acción Social Católica, por todos esos medios, en fin, que pueden dar vida a un pueblo muerto por haber cortado su comunicación con Cristo. ¡Chiflados! ¿Y cómo encontrarlos, mejor dicho, cómo hacerlos?» (...) «Y ¡no es nada la que se arma con un grupo de esos *chiflados*!».

16. Este «*chiflarse por el Amo*», assim como «*chifladura*» e «*chiflado*», é uma expressão repetida à saciedade pelo Autor, de tal maneira que, ao ser traduzida a obra para português, o tradutor preferiu conservar, sem os traduzir, os termos castelhanos, em itálico, para despertar a atenção do leitor. «*Chiflado*», na linguagem familiar, diz-se de um «*doído varrido*». Podem-se contar nesta obra cerca de 40 palavras que se repetem, pertencentes ao campo semântico de «*chiflar*». Tendo em conta os dados a que se faz referência na nota nº 5, podemos pensar no influxo desta expressão na formulação de pontos do livro *Caminho de S. Josemaría ESCRIVÁ*: «El celo es una chifladura divina de apóstol, que te deseo, y tiene estos síntomas: hambre de tratar al Maestro; preocupación constante por las almas; perseverancia que nada hace desfallecer» (nº 934); «...Sé audaz: dile que estás más loco por Él que María Magdalena, más que Teresa y Teresita..., más chiflado que Agustín y Domingo y Francisco, más que Ignacio y Javier» (nº 402). Por sua vez, a expressão «*el Amo*», tão típica do Beato Manuel González para designar «o Senhor», era muito do agrado de S. Josemaría ESCRIVÁ, aparecendo dispersa na sua pregação (cfr. *Forja*, nº 203 e 1019).

17. *Ibid.*, pp. 110-213.

18. *Ibid.*, pp. 214-227.

muchos curas»¹⁹. Em 1939 Mons. González publica a sétima edição, «*não corrigida*». Em 1979 a 10ª edição perfaz o significativo número 50.000 exemplares, só em Espanha. A obra foi traduzida e editada em Portugal, Brasil, França, Bélgica, Alemanha, Itália, Roménia e Inglaterra²⁰.

3. A OBRA E A ESPIRITUALIDADE DO BEATO MANUEL GONZÁLEZ EM PORTUGAL

Começo por referir um primeiro eco que teve a palavra do Beato Manuel em Portugal, como consta do seu próprio testemunho no seu livro, *Lo que puede un Cura hoy*, numa transcrição dum seu artigo no *Granito de Arena* de 5 de Março de 1909: «*De Campo Maior (Portugal) y firmada por un reverendo sacerdote, cuyo nombre no hace falta conocer, he recibido una carta, de la que entresaco este párrafo: "He leído hoy con inmenso placer el discurso de usted en la Semana Social de Sevilla. Yo estoy en peores circunstancias que usted, y lo iba a abandonar todo, pero vi lo que decía y haré experiencia. Dígnese enviarme a vuelta de correo algunos números de El Granito de Arena"*»²¹. Também o segredo da Acção Social de um pároco é o mesmo que aparece nesta obra publicada dois anos depois: é a «*chifladura por el Amo*»²².

Apenas um ano após a publicação de *Lo que puede un Cura hoy*, este livro é traduzido e editado em Portugal por Miguel Ferreira de Almeida, Cónego da Catedral de Viseu²³, em 1911, logo nos começos do furor anticlerical da revolução republicana. Na apresentação da obra, afirma o editor: «Foi escrito por um dos mais zelosos e ilustrados Párocos da nação vizinha, o qual, conhecendo a situação difícil e espantosa em que se encontram os seus colegas no momento actual, os embaraços com que têm de lutar para colherem fruto das suas funções paroquiais, vem, solícito e cheio de caridade fraternal, ao seu en-

19. *Lo que puede un cura hoy*, El Granito de Arena, Madrid 101979, p. 11.

20. *Ibid.*

21. Manuel GONZÁLEZ, *Obras Completas*, t. II, cit., p. 94, nº 1727. A investigação feita leva-nos a concluir que se tratava do Pe. Dr. Gabriel da Costa Gomes, que, desde o princípio do séc. XX até à sua morte pelo ano 1950, foi pároco da freguesia de S. João Baptista de Campo Maior, o qual, segundo o testemunho da única familiar sobrevivente, D. Ana Martins Ferro, de 91 anos de idade, era um «homem ilustre, devido à sua cultura..., e de bosas relações com o país vizinho».

22. Cfr. *ibid.*: «Es una amenaza terrible para un pueblo ímpio un Cura llorando ante un sacario desierto» (p. 242, nº 1890); «¿Está chiflado ese Cura? Pues que se echen a temblar todos los demonios de aquel pueblo...» (p. 243, nº 1892).

23. *O que hoje pode um Parocho. Ou resposta a esta pergunta: Para que trabalhar tanto, se tão pouco se consegue?* Pelo Arcipreste de Huelva, Typografía Viziense, Vizeu 1911.

contro, para os consolar no meio das agruras do seu apostolado, para animá-los e encorajá-los nos seus desalentos, apresentando-lhes este livrinho, onde colecionou todos aqueles meios ou recursos com que um pároco pode colher frutos copiosos da sua missão nos tempos de hoje. Foi a divina Providencia que nos trouxe à mão este livrinho admirável... A sua leitura encanta pela suavidade, atrai pela novidade dos conceitos, pelo alcance das vistas do seu autor, deleita pela singeleza do estilo, elegante e fácil»²⁴.

O livro teve grande aceitação e preparou o ambiente para que a Pia União da Obra dos Sacrários Calvários se estendesse em Portugal. Mas só em 1925 se organizou neste país²⁵. À volta de 1923, a Obra foi conhecida em Madrid pelo Arcebispo de Évora, D. Manuel da Conceição Santos, ao visitar a «Capela das Marias», no mosteiro da Visitação, na rua de Santa Engrácia; logo formulou o desejo de a trazer para Portugal²⁶. Entretanto, surgiu em Braga um pequeno foco com as Irmãs de Santa Doroteia, mas em Viseu é que foi iniciada oficialmente esta Obra, solenemente inaugurada na igreja dos Terceiros, no dia 4 de Março de 1925. Foi dada a conhecer nesta cidade pela Irmã doroteia, a Madre Custódia Freitas, que tinha conhecido a obra das Três Marias em Espanha e veio para Viseu organizar o Colégio da Imaculada Conceição. O Vigário Geral, o Deão António Marques de Figueiredo, promoveu a sua fundação e foi nomeado seu primeiro Director pelo Bispo de então, D. António Alves Ferreira²⁷.

Dois anos depois, é nomeado um novo sacerdote como Director, o Dr. Manuel Luís Martins, sendo por essa ocasião fundado o ramo masculino da Obra, em Junho de 1927. Este zeloso sacerdote foi o grande impulsor da Obra em toda a Diocese de Viseu, que veio a ser introduzida em muitas paróquias.

Em 1935 foram as bodas de prata da Obra dos Sacrários Calvários, estando já implantada em quase todas as dioceses do país. É ao Cónego Dr. Manuel Luís Martins que o Fundador, Mons. González, envia desde Madrid, Blanca de Navarra, 5, uma carta em que diz: «*una bendición muy efusiva con mi mayor agradecimiento a todos los amadísimos Directores, Marías y Discípulos de San Juan de los Sagrarios Calvarios de Portugal por todos los consuelos que han proporcionado al Corazón de Jesús Sacramentado desde que se fundó nuestra Obra en la Nación hermana*»²⁸.

24. *Ibid.*, pp. 5-6.

25. Os dados que apresentamos constam dos Arquivos da UNER existentes na sede desta Obra, Centro Sócio Pastoral da Diocese de Viseu (Portugal) e da publicação *Comemoração Jubilar*, Obra dos Sacrários Calvários, Viseu 1935, consultada no mesmo Arquivo.

26. Cfr. *Comemoração Jubilar*, cit., p. 10.

27. Cfr. *ibid.*, p. 8.

28. *Ibid.*, p. 5.

O novo Bispo de Viseu, D. José da Cruz Moreira Pinto, alma profundamente eucarística, escreve a propósito do evento, na publicação da *Comemoração Jubilar*: «Tornaram-se assaz conhecidas em nossa Diocese, e são já bem avantajados os benefícios que prestaram, as piedosas instituições eucarísticas dos Discípulos de S. João e Marias dos Sacrários Calvários, para podermos dizer que em boa hora as lançou seu apostólico e eminente Fundador, que deve experimentar, entre as amarguras da perseguição de que é vítima em sua pátria, as consolações de quem obedeceu a uma inspiração superior, para promover a glória de Deus (...). Prossigam os modestos pagens da Eucaristia seu devoto peregrinar, que nós olhamos complacente a delicadeza das almas que vão salvar o Senhor da miséria imerecida dum sacrário abandonado»²⁹. E o Director diocesano escreve jubiloso: «Por sua acção benéfica, a vida eucarística da Diocese muito se tem intensificado, o que se verifica na maior frequência dos Sacramentos, assistência à Santa Missa, e na visita aos sacrários, isto do próprio testemunho dos párocos, directores dos 25 centros que a Obra hoje conta, 16 arciprestais e 9 paroquiais, e também da observação pessoal do Director diocesano, por ocasião da visita a estes Centros»³⁰. Também está registado o testemunho dum pároco, o P. Moisés Bento Maia, de São João de Lourosa: «A Obra dos Sacrários Calvários nesta freguesia, embora tenha um só grupo de Marias, tem concorrido admiravelmente para o levantamento da fé e da moral. As Marias não só têm sido fiéis na sua missão de fazer companhia a Jesus no Sacrário, diariamente, mas também têm conduzido muitos fiéis, sobretudo crianças, ao mesmo Sacrário. Louvores ao Senhor, este Sacrário já não está abandonado...»³¹.

O Cónego Manuel Luís Martins lançou uma revista mensal para fomentar a piedade eucarística, que difundiu por todo o país, o *Arauto da Eucaristia*, que ainda se publica. A coordenação nacional da Obra correu à conta deste mesmo sacerdote, que veio a falecer em Viseu, em odor de santidade, a 15 de Junho de 1981.

Este trabalho de direcção da Obra em Portugal é actualmente realizado pelas irmãs Missionárias Eucarísticas de Nazaré. Chegaram a Portugal em 1 de Maio de 1985, tendo ficado em Viseu até que se fixaram em Fátima, rua do Anjo de Portugal, n.º 25, em 26 de Dezembro de 1987. A diocese de Viseu continua a ser aquela onde a Obra do Beato Manuel González está mais implantada.

29. *Ibid.*, p. 4.

30. *Ibid.*, p. 8.

31. *Ibid.*, p. 18.

Os frutos de santidade desta Associação de Fiéis, a União Eucarística Reparadora, são inumeráveis e adquirem maior visibilidade naqueles membros cujo processo de canonização está a decorrer: o Cônego Dr. Formigão³² (Leiria-Fátima), a Maria Alexandrina de Balazar (Braga)³³ e a Luisa Andaluz (Santarém), para além de dois dos grandes promotores, o acima referido Arcebispo de Évora, D. Manuel da Conceição Santos, e Padre Abílio Correia³⁴, pároco de S. Mamede de Este (Braga), que veio a ser o Director Nacional das Obras Eucarísticas.

32. Cfr. Maria da Encarnação VIEIRA ESTEVES, *Apóstolo de Fátima*, Ed. A. O., Braga 1993, p. 140: «Parte dos seus trabalhos intelectuais, de formação ou de espiritualidade, foram elaborados junto do sacrário».

33. Nascida em 30 de Março de 1904, durante mais de 13 anos viveu sem tomar qualquer alimento, para além da Comunhão Eucarística diária, até que voou para o Céu em 13 de Outubro de 1955. Declarada Venerável em 1996, já foi reconhecida como cientificamente inexplicável uma cura por sua intercessão. Cfr. Humberto PASQUALE, *Alexandrina*, Ed. Salesianas, 1980, p. 27: «No Norte de Portugal floresce a associação religiosa “Marias dos Sacrários”... deu contente o seu nome para ser, com as almas devotas espalhadas no mundo, a lâmpada, a sentinela, a reparadora de Jesus-Eucaristia». Também aqui se conta a sua última vontade, para ser sepultada à maneira do santo Fundador da UNER (cfr. *supra*, nota 8): «Quero ser enterrada, se puder ser, de rosto virado para o sacrário da nossa igreja. Assim como na vida ansiei estar junto de Jesus Sacramentado e voltar-me para o sacrário as mais vezes possíveis, quero depois da minha morte continuar a velar o meu sacrário e manter-me voltada para Ele: Sei que com os meus olhos não vejo o meu Jesus, Mas quero ficar assim para melhor provar o amor que tenho à Divina Eucaristia» (p. 350). Actualmente, desde 1978 jaze sepultada no interior da igreja, voltada para o sacrário (cfr. p. 354).

34. Cfr. Fernando LEITE, *Apóstolo da Eucaristia*, Ed. A.O., Braga, 1997, p. 36; cfr. tb. o órgão da causa de canonização do P.º Abílio Gomes Correia, «Apóstolo da Eucaristia», ano I, n. 2, p. 2.